

## EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) – UM RELATO DE VIVÊNCIA NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Maria Fernanda Lino Vinhal <sup>1</sup>  
Gabriela Gonçalves Junqueira <sup>2</sup>

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa para além da sala de aula. Ele nos coloca, enquanto graduandos, em uma posição muito peculiar da docência. Não somos estagiários, não somos alunos, tampouco professores. Estamos, momentaneamente, fora da hierarquia que existe nesse espaço e, por esse motivo, conseguimos observar e vivenciar os acontecimentos deste ambiente a partir de uma ótica que não seria possível em qualquer outra situação. Vivemos uma troca de saberes cotidiana com todas as partes ativas da equipe pedagógica e do corpo docente da escola. Digo isso, pois esse fato se tornou palpável a mim no decorrer dos projetos, quando a equipe tomou certa autonomia para encabeçar os projetos. Demos prioridade às necessidades e desejos dos alunos e, a partir daí, iniciamos às atividades do primeiro semestre de 2023. Dentre os projetos realizados na escola, passamos muito tempo dedicados às rodas de conversa com as turmas do Ensino de Jovens e Adultos (EJA).

Antes de me antecipar para os acontecimentos no interior da escola, busco um horizonte um pouco mais distante desse ambiente. A escola em que participo é localizada em um bairro distante do centro da cidade, distante também de onde fui criada desde a primeira infância. É um bairro que eu ainda não havia visitado, mesmo nesses 21 anos de residência. Por sorte, divido a mesma equipe com um amigo próximo da graduação e tivemos o privilégio de utilizar desse tempo de deslocamento para dialogarmos e expormos opiniões sobre os processos que estão em desenvolvimento na equipe, nossas expectativas e desejos para com o projeto e nossos planos para a futura carreira acadêmica. A docência é uma enorme troca de saberes, isso é inegável. É uma troca constante entre profissionais e alunos e isso jamais pode ser perdido. Ter a capacidade e a possibilidade de observar e vivenciar esse fato no momento embrionário da minha formação é de um valor tremendo.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [marialinovinhal@gmail.com](mailto:marialinovinhal@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Gabriela Gonçalves Junqueira, Doutora em Antropologia Social, Faculdade Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás - UFG, [gabriela.junqueira@educacao.mg.gov.br](mailto:gabriela.junqueira@educacao.mg.gov.br).

Escrevo esse trabalho na expectativa de fazer dele um reflexo, em menor escala, de tudo que vivenciei no projeto até agora. Explico: o primeiro tópico que tratamos com os alunos foi sobre a importância de se apontar as diferenças entre as formas e fontes de conhecimento, no caso mais específico, sobre senso comum e conhecimento científico. Nesse sentido, aponto esse presente trabalho como um reflexo dessa discussão, onde meus relatos são todos perpassados por um senso comum inevitável, visto que explicito apenas a minha perspectiva sobre os fatos, pouco amarrada à aparatos e fontes teóricas, porém, com o objetivo de fazer desse relato um trabalho veiculado na forma de fonte científica de conhecimento. Além disso, busco desenvolver aqui uma dialética dos fatos, com o objetivo de expor meu ponto de vista sobre a vivência, na expectativa de que outros colegas o leiam e, da mesma forma, que eu possa conhecer o relato de outras pessoas que vivenciam o mesmo momento que eu.

Para produzir esse resumo expandido me baseio, principalmente, na vivência ocorrida nos últimos nove meses de projeto e nas trocas realizadas com os alunos. O projeto que mais me incentivou a produzir o presente trabalho foi a realização de rodas de conversa entre os alunos do EJA. Além disso, de forma atenta a não fugir da tradição, me apego a um sociólogo clássico ao qual, além de críticas, produzo certo apreço por seus escritos, Durkheim coloca o objetivo da educação como:

a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em participar. (DURKHEIM, 2014, p. 53 e 54)

Entretanto, me questiono: como levar à risca tal definição se me encontro em uma sala cheia de alunos e a pessoa de menor idade presente sou eu? De que forma considerar como intransigível tal definição se me encontro na posição de compartilhar conhecimento com pessoas de uma, talvez duas, gerações anteriores que a minha? São questionamentos que me acompanham o tempo todo, quando na escola e também fora dela. Um cânone literário como esse não deixará de se portar como referência, porém nem por isso se coloca como indubitável.

Em busca de sanar esses questionamentos, me aproximo de algo uma vez dito por bell hooks: “encontrar Freire foi fundamental para minha sobrevivência como estudante” (HOOKS, 2017) – e posso dizer que também como futura docente. É um grande alívio dividir a mesma nacionalidade de Paulo Freire, poder lê-lo, interpretá-lo e, o melhor de tudo, colocar

seus métodos em prática. Lembro-me de ler que “onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (FREIRE, 2022) e fazer isso sem distinções, nem mesmo geracionais.

Vejo o EJA como um ambiente rico de oportunidades, opiniões e expressões do saber, isso ficou ainda mais claro no decorrer das atividades práticas. É excelente valorizar as expressões e opiniões dos alunos e vê-los dar encaminhamento à essa prática.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajarmos os alunos a correr riscos. (BELL HOOKS, 2017, p. 35)

O projeto que deu direcionamento para a realização das rodas de conversa se iniciou a partir da discussão teórica sobre a diferença entre senso comum e conhecimento científico. O tema foi discutido em sala de aula ao longo de algumas semanas e, com o objetivo de prover o devido encerramento ao assunto, a professora, e também supervisora do PIBID, Gabriela Junqueira, sugeriu que a turma se separasse em eixos temáticos que seriam revertidos, cada um, em uma roda de conversa, essa, no momento de explanação das opiniões e conclusões, contaria com a presença e participação de todos os presentes em sala de aula.

O desenvolvimento da teoria nas turmas do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) me prende de forma peculiar. É possível ver em cada um dos alunos o reflexo da vida cotidiana por uma perspectiva diferente e, apesar de todas as dificuldades, eles sempre se mostram interessados e dedicados às discussões propostas. A professora apresenta uma didática excepcional que entrega o conteúdo de forma eficiente às mais diversas personalidades e faixas etárias. Após a finalização das aulas teóricas expositivas, demos início às rodas de conversa.

O primeiro evento a ser discutido foi a legalização ou não do aborto. Além de ser o primeiro, é o que eu possuo mais lembranças. Um dos grupos responsáveis começou a exposição apresentando argumentos que defendiam a legalização do aborto baseados em dados estatísticos e colocações embasadas, após a explanação, o grupo que se colocou contrário à esse processo seguiu o mesmo caminho. Foi possível observar que ao longo da discussão, os argumentos, gradativamente, se tornaram mais pessoais, mais distantes do conhecimento científico e, conseqüentemente, mais próximos do senso comum. Esse fato foi

trabalhado e discutido com os alunos após o final de todas as explicações. Com o objetivo de mostrar-lhes na prática o que havia sido trabalhado anteriormente na teoria.

No momento da apresentação dos grupos, me recordo de observar com atenção as opiniões e levantamentos dos alunos. Muitas vezes fervorosos em defender suas opiniões, entretanto, com um olhar neblinado pelo tão citado senso comum. Alguns apresentaram relatos pessoais como forma de argumento, outros trouxeram pesquisas e estatísticas comprovadas por órgãos relevantes e mais outros nem se apresentaram. As conversas ocorreram em várias etapas, ao longo de todo o semestre. Foi importante acompanhar o desenvolvimento da formação de argumentos dos alunos ao longo desse evento e ver que, cada vez mais, eles se mostravam dedicados a voltar aos dados científicos na expectativa de embasarem seus argumentos já construídos. Poucas vezes pudemos perceber uma mudança no posicionamento deles, entretanto eles se colocavam mais interessados em buscar dados e fontes a fim de se prepararem melhor para as reuniões.

Durante o meu período de estudante no Ensino Fundamental e Médio, vivenciei uma educação tradicional e não tive oportunidade de presenciar formas de construção de conhecimento e avaliações alternativas à prova comum. Responder questões, cadeiras enfileiradas, silêncio e disciplina. Sempre. Por isso, vejo nas formas avaliação alternativas uma oportunidade de dar maior autonomia aos alunos. Nesse sentido, busco novamente um apoio em Paulo Freire.

Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam. A proclamada morte da história que significa, em última análise, a morte da utopia e do sonho, reforça, indiscutivelmente, os mecanismos de asfixia da liberdade. Daí que a briga pelo resgate do sentido da utopia, de que a prática educativa humanizante não pode deixar de estar impregnada, tenha de ser uma constante sua. (PAULO FREIRE, 2022, p. 112)

Em suma, a experiência que compartilho neste relato no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), me trouxe valiosas percepções e lições. Ao longo desta jornada – ainda em desenvolvimento – pude testemunhar a enorme resiliência e determinação dos alunos, que buscam a educação em fases distintas de suas vidas. Também aprendi e aprendo cotidianamente a importância da flexibilidade e adaptação no processo educacional, em busca de adequar as estratégias de ensino às necessidades e circunstâncias individuais de cada estudante.

Na minha primeira visita à escola, a primeira coisa que bateu à minha vista foi uma frase emoldurada na sala dos professores que diz “Professores, vocês tem em suas mãos o poder de transformar o mundo”. Essa frase me chamou atenção por ser uma afirmação comum na qual eu não deposito muita crença. Penso que o efetivo papel do professor é muito pouco discutido no Brasil e dentre tantos, me parece que mudar o mundo não é um deles. Colocar a missão de mudar o mundo nas mãos de uma classe tão desvalorizada e sem reconhecimento é covardia. Eu acredito que os professores têm a capacidade de mudar o mundo de seus alunos, isso sim. Eu mesma sou testemunha da influência de vários profissionais da educação que cruzaram o meu caminho, eu levo com amor e carinho cada aula, cada conselho e cada inspiração. Nesse sentido, me aproximo novamente de Paulo Freire: “A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos (EJA); Rodas de Conversa; Métodos de Avaliação Não Tradicionais; Paulo Freire.

## REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile, Educação e Sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DURKHEIM, Émile, A Educação Moral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HOOKS, Bell, Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo, Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.